

## EDUCAÇÃO FÍSICA, SER PROFESSOR E PROFISSÃO DOCENTE EM QUESTÃO...

**Zenólia C. C. Figueiredo**

Doutora/UFES

**Erineusa M. da Silva**

Mestre/Fac. Salesiana/ESFA

**Nelson F. de Andrade Filho**

Doutorando UNICAMP/UFES

**Lusilêda Thom**

PMV

**Margareth S. Setúbal/Fac. Salesiana**

PMV

**Rosângela da C. Loyola**

Mestranda UFES/PMV

**Fabíola B. Marques**

Discente/UFES

**Renata G. de Oliveira**

Discente/UFES

**Merielle S. de Araújo**

Discente/UFES

**Simone G. de Almeida**

Discente/UFES

**Valéria da P. M. Bufon**

Discente/UFES

### RESUMO

*Este estudo é qualitativo com possibilidades interpretativas. Utiliza elementos da etnografia. O lugar foi constituído por sete escolas. Os sujeitos da primeira fase da investigação foram diretores, corpo técnico-pedagógico, professores de outras disciplinas, alunos, pais/mães. A segunda fase focou os professores de Educação Física, a aula propriamente dita e a maneira como entendem a profissão. Busca compreender as ações do professor no espaço/tempo da escola, remetendo para questões da Educação Física no ensino fundamental de Vitória/ES e para a profissão docente.*

### ABSTRACT

*This is a qualitative study and it could be interpreted in several possible ways. It uses Ethnography elements. The process was composed by seven schools. The subjects in the first stage of investigation were the principals, the members of the technical-pedagogical body, teachers of subjects other than Physical Education, students and parents. The second stage of investigation focused on the Physical Education teachers, the way they teach and their own understanding of the P.E. profession. The study tries to understand the teachers' actions in school according to time and space, relating that to the Physical Education matters in elementary and mid-schools of the Vitória county, in the state of Espírito Santo and to the teaching profession.*

### RESUMEN

*Este estudio es cualitativo con muchas posibilidades de entendimiento. Ella utiliza elementos de la etnografía. El espacio fue construido por siete escuelas. Los sujetos de la primera fase de la investigación fueron directores, cuerpo tecnico- pedagógico, maestros excepto Educación Física, estudiantes y padres/madres. La segunda fase enfocada en los maestros de Educación Física, su clase y la manera como entienden su profesión. El estudio probado comprender las acciones de los maestros en el espacio/ tiempo de la escuela, conduciendo hasta cuestiones del Educación Física en el ensino primario de Vitória/ ES y con la profesión de mestros.*

“Educação Física, Ser Professor e Profissão Docente em Questão...” corresponde à parte da investigação “A Educação Física no Espaço/Tempo da Escola” desenvolvida pelos membros do Práxis.<sup>1</sup> Busca compreender as ações do professor no espaço/tempo da escola, remetendo para questões relacionadas com a Educação Física escolar e com a profissão docente. Consideramos que a cultura escolar, os modos de subjetivar<sup>2</sup> a Educação Física como componente curricular e a cultura docente constituem elementos para entender esse objeto de estudo.

É um estudo que aborda a Educação Física em escolas de ensino fundamental do município de Vitória/ES, o professor e a profissão Magistério. A triangulação temática ficou explícita e compreendida nas idéias e ações evidenciadas a partir das memórias, dos tempos e dos espaços praticados nos cotidianos investigados.

Quando nos referimos a espaço/tempo, indicamos a necessidade de analisar os desafios da prática docente na perspectiva das subjetividades da Educação Física e da condição de ser professor. O professor, ao executar sua atividade, necessita de espaço e tempo determinados, a fim de tornar “lugar” o espaço por ele ocupado. Lugar que não é estático, mas que relaciona, sofre e promove modificações (VEIGA-NETO, 2001). O espaço escolar não seria, então, uma estrutura neutra onde deságua a ação escolar, mas sim um constructo social que expressa e reflete determinados discursos.<sup>3</sup> O tempo do qual falamos é o tempo humano, “[...] percebido e significado pela experiência humana e como é usado no transcurso dessa experiência” (VEIGA-NETO, 2006, p. 122).

Subjetivações são tomadas aqui como significados construídos que remetem à idéia de que se faz necessário “[...] compreender os significados envolvidos nesses sistemas (de representação) se tivermos alguma idéia sobre quais posições-de-sujeito eles produzem e como nós, como sujeitos, podemos ser posicionados em seu interior”(WOODWARD, 2000, p. 17).

Essas posições-de-sujeito são resultantes de um processo que ocorre no nível do inconsciente, uma forma de descrever como os indivíduos acabam por adotar posições

---

<sup>1</sup> PRÁXIS – Centro de Pesquisa de Formação Inicial e Continuada em Educação Física, localizado no Centro de Educação Física e Desportos (CEFD) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e registrado no Diretório de Grupos do CNPq. É constituído por professores do CEFD/UFES, da rede privada de ensino superior do ES, do sistema de ensino municipal de Vitória e por discentes, bolsistas e voluntários, do curso de Educação Física da UFES.

<sup>2</sup> No sentido de compreender os significados atribuídos pelos sujeitos investigados à Educação Física em contexto escolar, no texto, deixamos claro o conceito apropriado pelo grupo.

<sup>3</sup> Aqui nos referimos às falas individuais e coletivas dos sujeitos escutados. Não tomamos o termo discurso como opção de análise metodológica.

particulares. Ao decidirmos investigar o cotidiano escolar, centrados na Educação Física e na condição de ser professor, assumimos os riscos, os absurdos e as possibilidades de investigar a e na escola (GERALDI, 2006). Há singularidades, nesse cotidiano, que constituem a própria cultura da instituição escolar. A escola produz, desenvolve e reproduz uma cultura específica, ligada à sua própria origem como instituição. Não como um conjunto de normas que definem os saberes a ensinar e os comportamentos a inculcar, mas como uma cultura que não se adquire a não ser na escola, gerada e transmitida na e pela escola.

A cultura da instituição, da comunidade, das políticas educacionais e curriculares e dos docentes como grupo social e profissional perfaz um conjunto de crenças, valores, hábitos, formas de fazer as coisas e normas dominantes que influenciam e determinam o que os docentes consideram valioso no seu contexto profissional e, ainda, os modos politicamente corretos de pensar, de sentir, de atuar e de se relacionar entre si (MORGADO, 2005).

Propusemos pesquisar os cotidianos onde se encontram as subjetividades e as diversidades que circundam a Educação Física no ensino fundamental, muitas vezes, determinados pela cultura escolar e pela cultura docente.

## **PRÁTICAS INVESTIGATIVAS: O IR E VIR METODOLÓGICO**

Optamos pelo desenvolvimento de um estudo qualitativo. Tomamos alguns “elementos da etnografia”<sup>4</sup> utilizando instrumentos como: entrevista, questionário, observação, diário de campo e registro fotográfico para proceder ao trabalho de campo.

O lugar da pesquisa foi constituído por sete das 41 escolas do Sistema de Ensino Municipal de Vitória, representativas das sete sub-regiões educacionais do município. Cada escola deveria corresponder aos seguintes critérios: a) ofertar a Educação Física nos três turnos ou projetos relacionados; b) no caso de oferta em apenas um ou dois turnos, ter o maior número de alunos matriculados.

Definido o lugar, selecionamos os sujeitos. Na primeira fase da pesquisa, os sujeitos foram os diretores, o corpo técnico-pedagógico, os professores de outras disciplinas, alunos, pais e mães dos alunos participantes da pesquisa que convivem na mesma escola. O objetivo na escuta desses sujeitos foi apreender de que maneira eles vivem/praticam a Educação Física no espaço/tempo da escola. Em cada escola, fizemos opção de escutar o diretor e dois professores que compõem o corpo técnico-administrativo.

Nessa investigação, utilizamos entrevista/diálogo individual e/ou coletivo com os sujeitos selecionados e registramos, por meio de fotografias, os espaços da escola, inclusive aqueles diretamente relacionados com a Educação Física.

Paralelamente a esse trabalho de campo, realizado no segundo semestre do ano de 2005 e no primeiro de 2006, transcrevemos os diálogos e nos aproximamos dos professores de Educação Física de cada escola investigada. Até março de 2007, conseguimos problematizar o que acontece e o que não acontece em cinco das sete escolas. O mapeamento do que se encontra nesse contexto permitiu uma interessante análise que será evidenciada mais adiante.

Na segunda fase da pesquisa, dedicada aos professores de Educação Física, o trabalho foi mais intenso. Conseguimos concluir a fase de observação em duas das cinco escolas em que finalizamos a primeira etapa.

---

<sup>4</sup> O termo “elementos da etnografia” substitui o que Marli André (1995) denominou de “tipo etnográfico” e indica que nosso tempo de inserção/vivência no lugar investigado, assim como alguns procedimentos de pesquisa não caracterizam completamente uma etnografia.

## A PRIMEIRA FASE DA INVESTIGAÇÃO: REGISTROS INICIAIS

Os registros realizados com os sujeitos das cinco escolas permitiram ao Grupo PRÁXIS algumas reflexões. A mais profícua foi a possibilidade de interpretar as posições dos diretores, do corpo técnico-pedagógico, dos professores das outras disciplinas que compõem o currículo escolar, dos alunos e das mães,<sup>5</sup> como diferentes modos de subjetivar a Educação Física, modos que constituem uma cultura escolar que influi diretamente nas aulas que acontecem e que não acontecem nas escolas investigadas.

Não é possível “olhar” para a disciplina e para a área e ver o professor do ponto de vista do isolamento profissional,<sup>6</sup> como único responsável pela hierarquização, desvalorização ou outras tensões complexas que têm acompanhado a Educação Física escolar ao longo dos tempos.

Registramos, sinteticamente, as posições-de-sujeito de forma descritiva e, quando necessário, agrupamos em questões complementares; em seguida, analisamos de que maneira essas posições influenciam a construção de uma cultura escolar positiva e/ou negativa com os alunos e como se relacionam com as aulas de Educação Física e com o ser professor.

O diálogo, com cinco diretores de escola, dois homens formados em Educação Física e três mulheres formadas em Pedagogia; com o corpo técnico-administrativo, dez pedagogas; e com nove professores de outras disciplinas, quatro homens e cinco mulheres, permitiu apreender algumas posições-de-sujeitos sobre a Educação Física vivenciada por eles. Buscamos ouvi-los sobre as experiências que ficaram registradas na memória de cada um, quando tiveram aulas de Educação Física nos tempos em que cursaram o ensino fundamental e médio, e, também, sobre as aulas desenvolvidas e o professor de Educação Física das escolas em que trabalham. Em seguida, ouvimos 15 mães e 48 alunos, 23 do sexo masculino e 25 do feminino. Tentamos contatar todos os pais e mães dos alunos entrevistados e, mesmo não tendo conseguido êxito total, descrevemos e analisamos as conversas realizadas.

Os diretores tiveram experiências diferentes com a Educação Física, apesar de terem vivido momentos históricos aproximados em função das suas idades. Os registros indicaram dois pólos inversos no que diz respeito às aulas: um no sentido de não ter vivido nada que tivesse marcado muito e outro no sentido de terem tido experiências fortes não com a Educação Física, mas com o esporte.

Passado o registro do vivido nos tempos escolares, direcionamos os diálogos para o que vivem hoje. Buscamos saber a opinião de cada um sobre as aulas desenvolvidas na escola, a disciplina com relação ao ensino e à aprendizagem dos/as alunos, o papel da Educação Física como componente curricular e a prioridade das disciplinas que compõem o currículo da escola.

As experiências das pedagogas, diferentemente das experiências dos diretores, parecem ter sido positivas. Nenhuma pedagoga disse ter vivido algo negativo na/com a Educação Física no ensino fundamental ou médio. As experiências estiveram mais associadas a outras práticas corporais, para além do esporte, como a ginástica e jogos recreativos.

Ao conversarmos com as pedagogas sobre a aula desenvolvida, a disciplina com relação ao ensino e à aprendizagem dos alunos, o papel da Educação Física como componente

---

<sup>5</sup> Não conseguimos entrevistar nenhum pai de aluno. Todas os registros foram de mães.

<sup>6</sup> “O isolamento profissional é outra característica freqüente da profissão docente, que tem muito a ver com o individualismo dos professores” (MORGADO, 2005, p. 82). Ver mais a esse respeito nas páginas 82-85.

curricular e a prioridade das disciplinas que compõem o currículo da escola hoje, tivemos posições bastante diferenciadas. As mais recorrentes dizem respeito à questão disciplinar, ao cumprimento do horário das aulas, ao controle dos alunos em quadra e ao desenvolvimento das aulas sem maiores transtornos para a coordenação.

As subjetivações construídas pelos professores das demais disciplinas são mais diversificadas do que as elaboradas pelos diretores e pedagogos. Revelam um maior estranhamento com a Educação Física a partir de questões, como sentimento de vergonha com relação ao corpo, auto-exclusão e o trabalho de preparação física desenvolvido.

Sobre a posição dos professores, com relação às aulas vividas nas escolas em que trabalham, houve uma recorrência, independente da escola em que atuam e da disciplina que ministram, quando disseram que as aulas deveriam ser mais diretivas e que os alunos deveriam participar da mesma maneira que participam nas suas disciplinas.

O diálogo com as mães e com os alunos teve como referência um roteiro diferenciado daquele utilizado nas conversas com os diretores, pedagogos e professores de outras disciplinas. Com as mães, a questão comum referiu-se à experiência que tiveram com a Educação Física nos tempos em que eram alunas; depois, dialogamos sobre o conhecimento que tinham acerca do que o filho aprende nas aulas, se sabiam o que o professor de Educação Física precisa estudar para ser professor, quais disciplinas consideravam mais importantes para a formação dos filhos e o que gostariam que os filhos fizessem nas aulas.

Para elas, Português e Matemática são as disciplinas mais importantes da escola. Apenas uma mãe, formada em Magistério, disse que todas as disciplinas têm importância para a formação integral do aluno.

As conversas realizadas com os alunos foram mais próximas do roteiro utilizado com as mães. Perguntamos a eles o que aprendem nas aulas, do que gostam de fazer, quais as disciplinas de que mais gostam, as que consideram mais importantes e se sabem o que o professor de Educação Física precisa estudar.

Muitos conteúdos foram citados pelos alunos quando perguntamos sobre o que aprendem: ginástica, jogo, pular corda, futebol, basquete, handebol, dança, técnicas e regras dos esportes, queimada, exercícios, fazer brinquedos, informações do corpo humano. Disseram ainda que aprendem a respeitar e a tratar o colega e primeiros socorros.

Os meninos gostam de jogar futebol e as meninas gostam de jogar vôlei e queimada. Perguntamos aos 48 alunos qual ou quais as disciplinas de que mais gostam. Todos listaram mais de uma disciplina. Quatorze incluíram a Educação Física na lista das disciplinas de que mais gostam. 21 citaram Português; Matemática foi citada por 27; Ciências por oito; Artes por cinco; Inglês por três; História por quatro e Geografia por sete alunos. Um aluno da 7ª série do noturno citou a informática.

Quais disciplinas consideram mais importantes? A Educação Física foi citada por quatro dos 41 alunos entrevistados; Português por dezessete; Matemática por vinte; Ciência por seis; História por quatro; e Geografia por dois; Inglês por um aluno da 8ª série. A disciplina Artes não foi citada por ninguém.

Mais da metade dos alunos escolhidos disse que não sabia o que o professor de Educação Física deve saber para ser professor. Uma síntese das respostas dos que disseram saber indica: conhecer/praticar jogos, regras, exercícios, corpo humano, esportes, lidar com as pessoas.

## **SEGUNDA FASE DA INVESTIGAÇÃO: OLHARES NA EDUCAÇÃO FÍSICA**

A segunda fase da pesquisa focou olhares no ser professor de Educação Física, nos espaços/tempos das aulas e na maneira como eles entendem a profissão. Na imersão que fizemos em duas das sete escolas, realizamos o mesmo procedimento: entrevistamos os professores de Educação Física e observamos suas aulas por um período aproximado de três meses.

Na primeira escola, optamos por conviver com e no espaço/tempo vespertino. Entrevistamos um professor e uma professora atuantes nesse turno, bem como acompanhamos as aulas das turmas de quinta, sétima e oitava séries<sup>7</sup> em dois dias semanais. Encerrada essa etapa, organizamos os registros por série e data em um diário de campo e apresentamos cópia aos professores para leitura, análise e retorno pessoal, em uma reunião previamente agendada. Após uma semana, retornamos à escola a fim de que comentassem as próprias práticas, relatando sentimentos, inquietações e posicionamentos.

Na segunda escola, optamos pelo turno vespertino, focando aulas de um único professor (Daniel) atuante nas séries iniciais e finais do ensino fundamental. Observamos as quintas, sétimas e oitavas séries, conforme ocorrera na primeira escola investigada. Ao final, deixamos Daniel ciente de que retornaríamos à escola para que ele conhecesse o material coletado e refletisse conosco sobre as aulas.

As observações realizadas na Escola “São José” ocorreram em várias circunstâncias, algumas sem que pudéssemos prever. Acompanhamos aulas ministradas em quadra, coordenadas pelos dois professores entrevistados, responsáveis por duas turmas simultaneamente.

Em determinado momento, a professora Cíntia, incomodada com as dinâmicas das aulas coletivas, decidiu separar suas aulas das aulas do professor Nilmar, por isso presenciamos aulas ora em sala, ora em quadra, resolvendo a cada observação onde ocorria melhor contribuição à prática pedagógica do professor de Educação Física.

Ao contrapor as entrevistas com as observações, foi possível entender que a fala expressa pode retratar um desejo de ser ou de fazer, entretanto, ao longo das ações, é que pudemos nos aproximar dos acontecimentos cotidianos.

O período em que permanecemos na Escola foi suficiente para compreendermos a rotina estabelecida e, talvez, automatizada por todos que a constituem.

Durante as aulas, foi nítida a presença dominante do esporte como conteúdo. Mesmo que, segundo os professores, tal prática não seja direcionada à eficiência, sim, mas à saúde física-mental, integração/socialização, os docentes pautavam suas aulas no ensinamento de fundamentos e execução dos jogos, permitindo aos alunos um aprendizado parcial, com constantes correções quanto à execução de determinados fundamentos.

De acordo com a dinâmica das aulas, seria possível imaginar que proporcionariam desenvolvimento e socialização dos indivíduos, mediante as vivências grupais, com caráter criativo. Todavia, durante a excitação do esporte, os próprios alunos excluíaam seus colegas ou se auto-excluíaam por causa do baixo grau de habilidade de alguns, particularmente daquele que naturalmente não participava das aulas, julgando-se incapaz de executar as manobras de determinado esporte, afirmando não gostar da modalidade.

Nas aulas em quadra, observamos uma rotina internalizada. Os alunos vinham das salas com os professores, lá se acomodavam na miniarquibancada, configurando grupos compostos

---

<sup>7</sup> Determinamos, como critério de observação, assistir às aulas de turmas coincidentes. Nem todas as aulas eram ministradas para as mesmas séries. Havia, por exemplo, 5ª série C com 6ª série A.

por meninos e meninas. Nas atividades, a separação ocorria da mesma forma. Em instantes, essa disposição era comandada pelos professores, em outros, pelos próprios alunos.

Na Escola “Maria Maia”, observamos alguns conflitos pessoais e profissionais devido ao curto tempo de atuação do professor, ao mau comportamento dos alunos, à desobediência às regras escolares e à autoridade dos professores.

O professor Daniel propôs trabalhar as modalidades esportivas coletivas, entretanto percebeu que os alunos queriam apenas futebol e vôlei e isso o desestimulou, mas afirmou que “[...] a aula seria o que ele quisesse e não o que os alunos querem”. Para o professor faz aula quem quer, mas, ao final do bimestre, há trabalhos escritos para quem não fez aula prática.

Daniel divide as modalidades por bimestres e, a cada mês, troca de modalidade. Na observação vimos o final da prática do basquete, um mês de handebol e o último bloco com vôlei e futebol.

## **MODOS DE SUBJETIVAR A EDUCAÇÃO FÍSICA E A CONSTRUÇÃO DE UMA CULTURA ESCOLAR**

Buscamos compreender os cotidianos investigados, partindo da idéia de que os modos como os sujeitos constroem seus significados podem contribuir para a produção de uma cultura que influencia a Educação Física que se vive em cada escola e, particularmente, nas duas em que concluímos o trabalho de campo.

Nos registros do vivido pelos diretores e pedagogas, percebemos significações confusas que podem repercutir no modo como os alunos vivem suas aulas. Uma é a confusão entre Educação Física e Esporte. Outra diz respeito à falta de clareza do objeto de ensino. Isso faz com que lhe atribuam o trabalho de formação de valores, de reforçar conteúdos de outras disciplinas no espaço/tempo das aulas e de ocupar os tempos livres dos alunos quando outro professor se ausenta.

Significativa para a interpretação crítica, é a posição das pedagogas quanto ao processo ensino-aprendizagem. Cumprir horários, saber lidar bem com os alunos, controlá-los em quadra, desenvolver as aulas sem transtornos, para a coordenação da escola, são motivos de elogios ao professor. Quanto ao objeto de ensino da Educação Física, não houve posição.

Professores das outras disciplinas expressaram posições enfáticas quanto ao trabalho desenvolvido, no sentido de que as aulas deveriam ser mais diretivas e os alunos deveriam ser cobrados a participar. As mães não sabem o que os filhos aprendem nas aulas de Educação Física e chegaram a expressar posição de que não aprendem nada. Os alunos que se identificam com as aulas gostam de praticar esportes e os que não se identificam ficam sentados.

Essas e outras posições confusas no entorno da Educação Física, identificadas nas entrevistas, parecem estar relacionadas com significações que hierarquizam as disciplinas e que reconhecem a Matemática e o Português como as mais importantes e, também, como as que os alunos mais gostam. Essas posições identificadas nas duas escolas contrariam a idéia bastante generalizada na área de que, em meio a todas as disciplinas escolares, os alunos gostam mais da Educação Física.

Há de se considerar que as posições dos diretores, pedagogas, professores das demais disciplinas e mães se materializaram na Educação Física **das duas escolas** quando: a) da recusa de um aluno em participar das aulas por não gostar ou por não considerar importante; b) da prioridade de certos saberes escolares em detrimento de outros; c) da valorização do saber utilitário; d) do estereótipo esportivo atribuído ao professor.

Nas observações das aulas, percebemos algumas ações intrínsecas e extrínsecas à área. Algumas pertencem aos modos de ser professor e às próprias subjetivações da área, outras aos modos como os sujeitos da escola significam a Educação Física no cotidiano.

A convivência na Escola “São José” permitiu observar dois professores e suas práticas. Esses carregam histórias de vida, formações, vitórias/fracassos que os diferem e, conseqüentemente, possuem modos particulares de subjetivar.

Não vamos comparar os dois professores. Entretanto enfatizamos que um deles se empenha em elevar a Educação Física como prática sistematizada, propõe um pensamento reflexivo e se importa com a qualidade do ser professor. Sofre dificuldades resultantes de sua formação, mas investe na autoformação.

O outro professor apresenta uma constância de ações, além de expor uma interiorização de formas estabelecidas, rejeitando discretamente o inovador.

Ficou claro que um deles, em função do tempo de magistério, acredita que já contribuiu com sua prática docente para a Educação Física, enquanto o outro ainda investe na diferenciação pedagógica e na qualificação do ser e como ser professor.

Por exemplo, veja-se uma situação registrada em nosso diário de campo: “Nilmar iniciou uma nova atividade. Ele explicou algumas regras e tornou a demonstrar como fazer um drible, bandeja e arremesso à cesta. Ao fim de sua demonstração a professora Cíntia perguntou: ‘Como a gente pode fazer pra acertar a cesta?’”.

Nesse exemplo, há dois modos de agir diferenciados: enquanto o professor demonstra o movimento dos fundamentos do basquetebol na tentativa de fazer com que os alunos o reproduzam, a professora busca utilizar uma forma dialógica, colocando uma situação-problema para os alunos pensarem.

Ambos compartilhavam o mesmo espaço/tempo de aula, duas turmas numerosas sob coordenação simultânea. Ressaltamos que o professor atuava naquela comunidade há muitos anos e a professora há um ano.

Devido à diferença desse convívio na escola, tanto com os profissionais quanto com os alunos, em muitos momentos da aula, restava à professora duas opções: a adaptação aos modos do professor ou a diferenciação. Modos de subjetivar que não se adequaram. Assim, as aulas de Educação Física passaram a ser realizadas separadamente e como toda atividade pressupõe um espaço adequado à sua prática (VEIGA-NETO, 2001), surgiu a dificuldade: onde estaria um dos professores e sua turma, quando a quadra fosse utilizada pelo outro?

Sem muita alternativa, tentou-se a utilização de um pátio, situado próximo às janelas das salas de aula. Decorrente dessa mudança “[...] alguns professores reclamaram com a coordenadora sobre as aulas de Educação Física que ocorriam próximo às salas de aula, dizendo que o barulho os incomodava. A coordenadora comunicou a Cíntia as reclamações, impedindo que a turma permanecesse no pátio. A professora contrariada adaptou seus planos, se dirigindo para outro espaço, atrás do refeitório [...]”.

Confrontando a situação de intervenção da pedagoga com sua posição na entrevista “A Educação Física é indispensável”, há contradição. Essa indispensabilidade relacionada com a organização escolar é pedagogicamente preterida na relação espaço/tempo com as outras disciplinas.

Apesar da utilização da quadra sob a forma de rodízio ter incomodado os professores, consideramos como positivo o fato de ambos terem que replanejar as suas aulas para além do esporte. A professora iniciou um trabalho no refeitório da escola com o conteúdo ginástica e o professor com yoga.



Mesmo assim, essa diferenciação no conteúdo, “forçada” pela mudança de espaços, não se sobrepôs ao esporte e à valorização dos mais habilidosos. Por parte da professora ainda havia uma maior preocupação quanto à inclusão dos alunos. Cíntia dialogava com eles estimulando a integração acima do rendimento, por meio de atividades adaptadas que implicassem a inclusão.

Percebemos, então, outros modos de significar a aula, ora em prol da inclusão, ora da exclusão ou mesmo da auto-exclusão, particularmente, quando os próprios alunos desistiam de participar das aulas por não apreciar a modalidade esportiva ou por não sentir capacidade em executar tal atividade.

Essa exclusão e/ou auto-exclusão quase sempre esteve ligada à questão de gênero. Percebemos, na observação das aulas, que meninos geralmente executavam as atividades somente com meninos; e que as meninas procediam da mesma forma.

Na Escola de “Maria Maia”, observamos um professor de Educação Física. Esse, assim como na primeira escola, carrega consigo histórias de vida, vitórias/fracassos e, conseqüentemente, possui modos particulares de ser professor.

Parte das recorrências registradas no cotidiano da Escola “São José” se repete no cotidiano da segunda escola. Entretanto algumas outras ações são particulares. Um exemplo de ações e significações diferenciadas foi a ausência constante do professor nas aulas, bem como os consecutivos adiamentos de aulas das turmas que haviam ficado sem outras disciplinas, devido à falta de professor. Nesse caso, Daniel unia duas ou três turmas ao mesmo tempo para que as aulas dos alunos terminassem após o recreio.

As vezes em que Daniel se encontrava em quadra, ficava encostado na lateral observando os alunos. Em alguns momentos marcava falta nos jogos. Normalmente, ele entregava a bola. Em vários momentos, os alunos reclamavam porque não queriam jogar basquete, mas o professor mantinha a proposta e dizia que só quando terminasse o tempo daquele esporte é que mudaria de modalidade.

Nesse caso, observamos duas significações bastante interligadas ao ser professor e à aula. A ação de não intervir nas aulas, ao mesmo tempo em que indica um certo desinvestimento da carreira, também pode expressar um modo subjetivo de não atribuir significado às aulas de Educação Física.

Nessa escola, o lugar da Educação Física é “ocupado” por parte dos alunos. Todos saem da sala de aula em direção à quadra, mas nem todos participam efetivamente. Uns ficam pelo caminho, no pátio, na sala da coordenação, conversando ou andando pela escola. Os que chegam à quadra se reúnem, tiram par ou ímpar para escolher os times e para ver quem fica esperando para jogar. Curioso e diferentemente da primeira escola é que, na maioria das vezes, os times são mistos.

Nessa escola, parece não haver problemas com a prática esportiva coletiva entre meninos e meninas. Inclusive, vimos interação entre os alunos e alunas da oitava série com um aluno, declaradamente, homossexual.

Durante os jogos “esses” alunos atuam como “juízes” das partidas, recorrendo ao professor no caso de dúvidas. Eles mesmos se organizam quanto à entrada e a saída dos times da quadra. Enquanto uns jogam, os outros aguardam conversando sobre o jogo, namoros, brincando e cantando *funk*.

Consideramos que, nessa escola, os significados atribuídos à Educação Física estão intrinsecamente relacionados com os modos como vem sendo praticada pelos alunos. É possível verificar influências externas a partir do que conseguimos apreender do diálogo com

os outros profissionais da escola, mas não há como negar a produção de posições negativas na e com a Educação Física, devido ao não trabalho do professor.

Parece que as posições e ações desses sujeitos produzem e reproduzem significados que definem uma cultura escolar específica e voltada à Educação Física. Posições essas construídas e pautadas mais a partir das próprias experiências corporais dos que vivem a escola do que em experiências construídas no pensar, no sentir, no atuar e no relacionamento entre si na prática docente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se retomarmos o processo da investigação realizado até o momento, tentando compreender melhor as ações do professor no espaço/tempo da escola e as questões relacionadas com a Educação Física e com a profissão docente, podemos considerar que não é possível “olhar” para a disciplina sem compreender a cultura escolar onde ela está inserida.

Pautados nessa idéia, por enquanto, já é possível indicar que a Educação Física permanece com dificuldades de tornar lugar o espaço por ela ocupado no ensino fundamental e que as posições e ações dos sujeitos que vivem as escolas investigadas indicam diferentes modos de subjetivar. Muitos deles, no sentido de produzir e reproduzir experiências negativas na e com a Educação Física.

A pesquisa está em desenvolvimento e a reflexão apresentada aqui é fruto dos elementos empíricos e dos estudos teóricos mobilizados pelo grupo. Ressaltamos que há ainda muito por fazer a fim de aprofundar e refinar as compreensões sobre cultura escolar e cultura docente.

## REFERÊNCIAS

GERALDI, Corinta M. G. Desafios da pesquisa no cotidiano da/na escola. In: GARCIA, Regina L; ZACCUR, Edwiges (Orgs.). **Cotidiano e diferentes saberes**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. p. 181 - 222.

MORGADO, José Carlos. **Currículo e profissionalidade docente**. Portugal: Porto Editora, 2005.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 7 - 72.

VEIGA-NETO, Alfredo. Memória, tempos e cotidianos. In: GARCIA, Regina L; ZACCUR, Edwiges (Org.). **Cotidiano e diferentes saberes**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. p. 111 - 124.

Zenólia C. C. Figueiredo ([zenolia@npd.ufes.br](mailto:zenolia@npd.ufes.br)).

R.Dr. Moacyr Gonçalves, 297, apto. 203 B, Jardim da Penha. Vitória ES. CEP: 29060-445.